



Por uma cultura de paz

**144. RedeUnaViva: Meditação Cristã 144 – paragem 6-411 –
18.06.2017**

JOÃO 8:2-11

A MULHER ADÚLTERA

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Em que consistia a cilada armada pelos escribas e fariseus para Jesus?
2. Como Jesus trata cada parte: os sacerdotes e a pecadora?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como me livrar do adultério para que minha mente esteja em harmonia?

144.1 Introdução: A cilada dos fariseus contra Jesus no Templo.

O capítulo 7 de João começa com Jesus na Galileia, antes de encetar viagem para Jerusalém. Seguiu com os discípulos mais íntimos por um itinerário menos frequentado que atravessava Samaria. Não viajou para participar da Festa dos Tabernáculos, mas para estar na capital no tempo do festejo. Nesse capítulo João narra a defesa prévia de Jesus, em que alerta os adversários para a inadequação da condenação que já tramavam. Quando indagado, explicou que sua real origem não era Nazaré. A cidade vigorava como local de nascimento da personalidade que precisou envergar para cumprir sua missão. Em verdade, vindo na condição de Messias, sua origem era divina. Vindo de quem o enviou era nesse que seu saber repousava.

Conta-nos João, ainda no capítulo, episódios em que o Mestre, com linguagem cifrada, transmite ensinamentos que hoje, com maior largueza de espírito, conseguimos desvendar. Histórias transcorridas ao longo da semana dos Tabernáculos. Ensinou com tamanha desenvoltura que toda a orquestração contrária, promovida pelos fariseus nos bastidores, não conseguiu demover dos ouvintes a certeza de estarem diante do Messias. Até mesmo os funcionários do Sinédrio, encaminhados com a obrigação de prendê-lo, renderam-se à sua grandeza. Foi isso que explicaram quando retornaram ao Sinédrio com as mãos vazias. Pela enorme confusão que pairou as autoridades eclesásticas optaram por suspender a reunião recolhendo-se cada qual em sua casa.



Por uma cultura de paz

Nesse intermeio, o Mestre se retirava, em meditação, no morro das Oliveiras. Passa ali uma noite para, na manhã seguinte, descer ao Templo e continuar seus ensinamentos.

É neste regresso que os fariseus resolvem testá-lo com a mulher adúltera. Detinham ótimo caso para leva-lo à contradição. Se o Cristo não apoiasse o apedrejamento estaria contrariando as determinações de Moisés. Se o apoiasse estaria confrontando as autoridades romanas, responsáveis pela punição executando a morte. Dessa vez, ao certo, ele se comprometeria publicamente – confabulavam seus adversários.

Os dez versículos do capítulo oito de João que conta a passagem foram motivo de celeuma na história da cristandade. Alguns consideram ter havido intromissão de um texto que poderia ser de Mateus ou de Lucas, já que o termo “escribas e fariseus” é muito comum na narração dos sinóticos enquanto em João aparece uma única vez, essa. Alguns Ainda, alguns Códices bíblicos omitem a passagem enquanto outros a transcrevem. Paira a divisão. O casamento, como é considerado hoje pela Igreja não havia à época. Foi instituído como sacramento – aquilo confere a graça – somente no século XI. Paulo recomendava que os bispos deveriam ser homens de uma só mulher (1 Tim 3;2). Ou seja, o casamento dos líderes era natural. Agostinho opina sobre a celeuma defendendo que sua omissão em alguns Códices foi obra do ciúme dos maridos, por ter Jesus absolvido a mulher adúltera.

Sigamos, pois, sua leitura e estudo.

144.2 Evangelho-parte 1: Jesus volta ao templo para ensinar através da convivência. (João)

João 8:2
2. De manhãzinha, veio de novo ao templo e todo o povo ia a ele; e, sentando-se, os ensinava.

1. Passada a noite, Jesus retorna ao templo. O povo o envolve e ele, sentado, ensina.

144.3 Evangelho-parte 2: Com a mulher adúltera, fariseus criam uma cilada para Jesus (Jo)

João 8:3-5
3. Os escribas e fariseus conduzem uma mulher, surpreendida em adultério, colocando-a em pé no meio (de todos),
4. e disseram-lhe: "Mestre, esta mulher foi surpreendida no próprio ato de adultério.
5. Na Lei, ordenou-nos Moisés que essas sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes"?



Por uma cultura de paz

2. Escribas e fariseus, tendo flagrado uma mulher em adultério, conduzem-na até o templo onde Jesus, sentado em círculo com os que lhe ouviam, ensinava.
3. Pretendiam induzi-lo à contradição para acusa-lo.
4. “Mestre, esta mulher foi surpreendida no próprio adultério.
5. Na lei, ordenou-nos Moisés que fosse apedrejada. Mas tu o que dizes”?

144.4 Evangelho-parte 3: a genial solução do Mestre. (Jo)

João 8:6-8	
6. Diziam isto tentando-o, para ter com que o acusar Jesus, porém, inclinando-se para a frente, escrevia uma lista na terra, com o dedo.	
7. Como persistissem perguntando, ergueu-se e disse-lhes: "O (que está) puro, dentre vós, atire primeiro uma pedra".	
8. E, inclinando-se para a frente, de novo escrevia na terra.	

6. Ele se inclinou para frente e, com o dedo, escrevia na terra uma lista com o nome deles.
7. Como persistiram na indagação, ele se ergueu e disse-lhes: “aquele que está puro dentre vós atire primeiro uma pedra”.
8. E, inclinando-se de novo para frente, voltou a escrever na terra, algo ao lado dos seus nomes.

144.5 Evangelho-parte 4: O cuidado com a mulher que adulterara. (Jo)

João 8:9-11	
9. Ouvindo essa resposta, saíram um a um, começando pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher em pé no meio.	
10. Erguendo-se, pois, Jesus perguntou: "mulher, onde estão (teus acusadores)? Ninguém te condenou"?	
11. Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Disse Jesus: "Nem eu te condeno. Vai, e não erres mais".	

9. Ouvindo essa resposta e lendo o que ele escrevia, foram saindo um a um a começar dos mais velhos.
10. Após a retirada dos últimos, ficou Jesus no chão e a mulher em pé, ambos no meio do grupo que anteriormente lhe escutava.
11. Ergue-se de novo e pergunta-lhe: “mulher, onde estão teus acusadores? Alguém te condenou”?
12. “Ninguém, Senhor”. Arrematou ele: “Nem eu te condeno. Vá e não erra mais”.



Por uma cultura de paz

144.6 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Em que consistia a cilada armada pelos escribas e fariseus para Jesus?

Acirrava-se a cisma entre os oficiais do judaísmo e Jesus. Se os funcionários do Sinédrio se deixaram ludibriar pela fala do nazareno, os principais não cairiam no jogo. Nada melhor do que o recente flagrante de uma mulher em adultério para fazê-lo cair em contradição. Tiveram certeza de que dessa vez o apanhariam.

No arranjo da dupla governança da Palestina, entre romanos e judeus, embora estes tenham permanecido com a liberdade de cultuarem sua religião própria, os ritos de julgamento e punição ficaram ao encargo dos invasores. Sabiam os conquistadores que se obrigassem os judeus a renegar o culto ao seu Deus único teriam muito mais trabalho para instalarem a ordem local. E mais, permitindo o funcionamento do Templo e a prevalência da estrutura doutrinária, poderiam ter nos fariseus e saduceus aliados que facilitassem sua intenção de explorar a província e de manter o domínio do território. Aos religiosos nada mais sagrado, mesmo que sob a jurisdição estrangeira, do que a manutenção da tradição espiritual. Porém, para a sua prevalência, precisaram ceder aos romanos a função executiva e jurídica das terras palestinas. Ao Sinédrio cabia o julgamento simbólico, no entanto a pena de morte era atribuição do Procurador.

Na outra ponta, portanto, residia a norma da tradição: “Também o homem que adulterar com a mulher de outro, havendo adulterado com a mulher do seu próximo, certamente morrerá o adúltero e a adúltera (Levítico 20:10). Embora a condenação fosse para ambos, homem e mulher adúlteros, o patriarcado protegia a *partepoderosa* – o homem – e punia o lado vulnerável – a mulher. E mais: “Quando houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade, e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou a mulher do seu próximo; assim tiraráis o mal do meio de ti (Deuteronômio 22:23-24).

A inteligência do iluminado vislumbra num átimo onde querem chegar seus detratores. Querer-no ver embaraçado entre o poder político e o espiritual. Não será a única vez que assim procederão. É preciso presença de espírito para a imediata resposta no afã de não permitir que os abutres ignorantes transformem o Pão Vivo em carniça, e o dilacerem. A sublime perspicácia do Mestre transforma o episódio em lição imorredoura.

2. Como Jesus trata cada parte: os sacerdotes e a pecadora?

Algumas vezes citamos a faculdade superior do Mestre, aquela que temos denominado de *psicoscopia* – o dom de ler os pensamentos e sentimentos, enfim, a vida mental do seu interlocutor. Sob um primeiro filtro a qualidade de cada um de nós se evidencia na cor, forma e expansão da energia irradiante que todo ente vivo possui. O



Por uma cultura de paz

ser humano a demonstra de forma peculiar, transparecido naquilo que ficou conhecido como aura. Alguns detêm a vidência de enxergar a aura e, por sua cor e forma, dela se servirem para diagnosticar a condição espiritual da pessoa em questão. Os Espíritos avançados vão além. Usam um segundo filtro que propicia leituras mais refinadas. São capazes de decifrar o que pensam, sentem e imaginam os seus interlocutores. Concentrados, mergulham na estrutura sutil da mente alheia. Jesus detinha tal poder. Usou-o quando aquele espalhafatoso bando invadiu a esfera serena, onde sua magna aula matinal era ministrada. O que pretendiam? Deparou-se logo com suas intenções mais recônditas. Prenderam presa fácil e a queriam como isca para agarrarem o espécimen mais caro. Sem delongas, foram direto ao ponto. “O que dizes tu: apedreja ou libera”?

Na mente de Jesus deve ter passado algo assim – ousou presumir. “Querem que eu a julgue. Não vou fazê-lo. Vou transferir-lhes tal incumbência. Têm eles condição de julgá-la? Quem são? Aceitarão tal atribuição? Veremos”.

Agacha-se e, na ausência de um graveto, usa o próprio dedo para escrever no chão uma lista com o nome deles, a começar pelos mais velhos. Os fariseus não veem sentido algum naquele ato e voltam à carga? “Que dizes tu para fazermos com a adúltera”? Levanta-se e, penetrando-lhes o olhar, responde: “aquele de vós que estiver sem pecado, sem erro no campo das trocas sexuais, que atire a primeira pedra”. Silêncio. “Vai em frente: julgue, condene e puna” – acrescenta. Deixando a pergunta e a sugestão no ar, volta ao chão, agora, sim, para escrever à frente de cada nome, seu crime sexual. Mesmo que ainda estivesse circulando no campo mental, isto é, não cometido. Isso porque, sabemos, muitos querem condenar no outro aquilo que há em si. Numa espécie de covardia psicológica praticam a projeção. Sem a capacidade de confessar, até mesmo para si, suas taras, projetam-nas no comportamento transgressor do outro. Punindo o outro, se exime de culpa – assim lhe parece. “O culpado, que precisa de castigo, está confirmado, é o outro, não sou eu – é o veredito silencioso”. No fundo, até poderia servir como possível medida de autocorreção preventiva. Como se dissesse para si: “se insistir com isso, olha só o seu destino. Contenha-se”! Porém, no mais das vezes, a defesa é mesmo para se livrar da imputação do crime, porque com a projeção e condenação, fica o outro consagrado como o mal. Esta é toda a base psicológica do *bullying* – o outro se transforma no “bode expiatório”.

O Cristo trazia a mensagem do amor genuíno, que inclui o perdão e a comiseração com os pecadores, ou seja, com todos os seres humanos que pisam o chão da Terra. Quiseram que ele julgasse a mulher adúltera, mas ele lhes transferiu a incumbência, e com o adendo, quem de vós não é adúltero? Também não quiseram julgá-la ou não tiveram condições de fazê-lo. Desistiram. E ele que já tinha para todo o pecador a sua “boa mensagem nova” a repetiu para a mulher: “toma consciência daquilo que há em ti e que não permite estares vibrando em pensamento e sentimento com Deus. Toma consciência e modifica a estrutura dos teus desejos e julgamentos. Vá



Por uma cultura de paz

te reconciliar com o próximo que tem queixa de ti ou de quem tu tens queixa. Depois vá ao templo orar para seres um com Deus”.

Foi como ele tratou a mulher errada – como todos nós, egos, somos – e terrivelmente humilhada. Figurou-se ela como símbolo de nós, os humanos. Perguntou-lhe: “onde estão os teus acusadores”? Não havia.

Então, concluiu com a didática amorosa que a cristandade ainda não assimilou, pois contém entendimento difícil de se assumido na sua integralidade – o de alcançar o estágio da inteira responsabilidade pelas escolhas individuais que inclui a possibilidade sempre renovada de trocar o engano pela retidão. Andar em sintonia com a lei divina. “Eu também não te condeno. Vá e não erre mais”.

144.7 Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como me livrar do adultério para que a mente esteja em harmonia?

Livra-me, Senhor, do adultério, que não implica em apenas ser fiel no meu relacionamento íntimo e respeitar o campo particular das trocas alheias. Significa mais.

Compreende em não me adular, tornando-me o oposto do que me comprometi a ser, ou seja, um ente falso. Contribui em consagrar o modelo adotado que, por conta dos avançados princípios revolucionários, repousa em ti.

Frise mais em minha mente, Senhor, a mesma recomendação oferecida à mulher humilhada, para que eu, a escutando em toda situação de perigo, renove a intenção de vencer a mim mesmo.

Livra-me do risco de me trair, lançando por terra o sagrado que aprendi a amar e cultivar. Não me deixe cair em qualquer retrocesso, voltando a assumir práticas baseadas em conceitos que comprometem a justiça terrestre.

Que toda sugestão infeliz e de desvio que me alcancem nas esquinas da vida, sejam devidamente afastadas, para que a água a correr do meu coração continue límpida, potável e curativa. Assim, sejam meus sentimentos e intenções nobres como os teus, em todas as horas do dia.

Em minhas relações que prevaleçam a honestidade como norma, a compaixão como meio e a paz como objetivo, enquanto no casamento eu me atente, cada vez mais, para a oportunidade dadivosa que carrega da necessária transformação interior.

E ainda, que eu enxergue mais além, divisando, na estabilidade do matrimônio, a base para o casamento espiritual, isto é, das partes opostas e complementares que me habitam. Use a experiência diária para integrar em mim o oculto que o outro representa assim como o diferente que ele aponta, na bonança e na crise, para que sendo inteiro contigo me unifique.



Por uma cultura de paz

Superando tais adversidades costumeiras faço transbordar em todos os relacionamentos a benfazeja chance de construir a paz no mundo. Que do erro eu me renove e da queda eu geste asas, com fé e entusiasmo de ter como sublime companhia.

144.8 Versículo(s) para a meditação: João 8:10-11.

10. Erguendo-se, pois, Jesus perguntou: "mulher, onde estão (teus acusadores)? Ninguém te condenou"?

11. Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Disse Jesus: "Nem eu te condeno. Vai, e não erres mais".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 145 – paragem 412 – 25.06.17
JOÃO 8:12-20